

APRESENTAÇÃO

Olho d'água, v. 13, n. 2, 2021

Literatura brasileira e literaturas francófonas: travessias

A elaboração deste dossiê representa o arremate dos simpósios que organizamos, de 2016 a 2020, nos encontros e congressos da Associação Brasileira de Literatura Comparada. Nesses eventos, tivemos o privilégio de acolher colegas que discutiram as diferentes faces da recepção de um autor em um país estrangeiro, dentre as quais se destacam as críticas literárias e jornalísticas, as traduções e adaptações, os projetos editoriais que respaldam o lançamento e a circulação de suas obras no país de origem e no exterior, e a presença, nas mais diversas formas de relações transtextuais, de seus textos em escritos alheios. Os artigos aqui reunidos, que se concentram nas relações da literatura brasileira com as literaturas francófonas, contemplam essas múltiplas faces.

“Sérgio Milliet, tradutor de Guilherme de Almeida” abre o dossiê. Nesse artigo, ao buscar apreender o modo como Sérgio Milliet traduziu para a revista belga *Lumière* quatro poemas de Guilherme de Almeida, Valter Cesar Pinheiro é levado a examinar o horizonte literário de uma época e sua provável influência no projeto tradutório em questão.

Em seguida, Ana Luíza Reis Bedê, com “Monteiro Lobato leitor, crítico e tradutor de literatura francesa”, nos apresenta este escritor, comumente mais lembrado por sua forte ligação com a literatura inglesa e norte-americana, como um leitor igualmente arguto não apenas dos escritores franceses do século XIX, mas também dos séculos XVII e XVIII, em especial de Madame de Sévigné, cujo estilo espirituoso transparece nas correspondências do autor brasileiro.

No mesmo diapasão, Norma Wimmer, em “Ecos de leituras: do esquecido Adherbal de Carvalho, *A Noiva*”, aponta, neste romance hoje praticamente inacessível, as marcas de Balzac, Flaubert e Alexandre Dumas filho e também a absorção dos princípios naturalistas de Émile Zola, que no Brasil já haviam ecoado no romance *O Mulato*, de Aluísio Azevedo.

A presença dos escritores franceses no Brasil é ainda abordada, de outra perspectiva, em “Eloy Pontes: crítica e/ou biografia”. Neste artigo, Gloria Carneiro do Amaral aborda a peculiaridade da biografia literária de Honoré de Balzac escrita por Eloy Pontes, jornalista que, nos anos 1930 e 1940, se tornou conhecido por seus livros sobre a vida de Raul Pompeia, Olavo Bilac, Euclides da Cunha e Machado de Assis.

O anseio pelo apagamento de toda estrangeiridade é debatido por Laura Taddei Brandini e Byanca Gabriely Silva em “*Flâneries* lapougeanas em Belém do Pará”, que examina o papel da cidade de Belém na vivência de integração radical de um estrangeiro – personagem do romance *Noites tranquilas em Belém*, de Gilles Lapouge – em um espaço e uma cultura que não lhe são familiares, mas cuja absorção ele busca com vista à realização do sonho da viagem absoluta.

O aspecto mercadológico das circulações literárias internacionais é trazido à baila no artigo “Duas editoras e uma disposição: traduzir a literatura brasileira na França”, de Adriana

Cláudia de Sousa Costa e Marta Pragana Dantas, em que se analisa, a partir da posição de duas editoras que traduzem literatura brasileira na França, o modo como as editoras independentes que se dispõem a traduzir obras das chamadas literaturas menores ou periféricas exerce um papel fundamental na preservação da bibliodiversidade.

O papel desempenhado por projetos editoriais e pelo mercado livreiro na publicação de autores estrangeiros é também tratado, embora não de modo central, no artigo de Maria Claudia Rodrigues Alves, “Os primeiros leitores de Rubem Fonseca na França”, que examina a primeira recepção deste escritor naquele país a partir de depoimentos de sua primeira tradutora, Marguerite Wünscher, e de duas críticas literárias importantes que acolheram a tradução dos contos de *Feliz Ano Novo* e do romance *O caso Morel*.

Fecham o dossiê dois artigos que focalizam as interrogações dos tradutores ao realizar sua sempre complexa tarefa. Em “Dever de memória: traduzindo Scholastique Mukasonga no Brasil”, Raquel Peixoto do Amaral Camargo se pergunta como a tradução pode implicar os leitores nos acontecimentos que envolvem o genocídio ruandês narrado por Mukasonga no romance *Un si beau diplôme*, obra que conjuga literatura e testemunho e que opera, assim, no interstício entre realidade e ficção.

É nesse mesmo interstício, aliás, que igualmente trabalharam, lidando com uma escrita completamente diversa, os tradutores de Guimarães Rosa, como nos mostra, com base na correspondência do escritor brasileiro com seus tradutores, Márcia Valéria Martinez de Aguiar no último artigo de nosso dossiê, “Uma poética em tradução: a correspondência de Guimarães Rosa com os seus tradutores”.

Agradecemos às autoras e aos autores que participaram dessa edição e desejamos uma boa leitura.

Márcia Valéria Martinez de Aguiar
Maria Cláudia Rodrigues Alves
Valter Cesar Pinheiro